



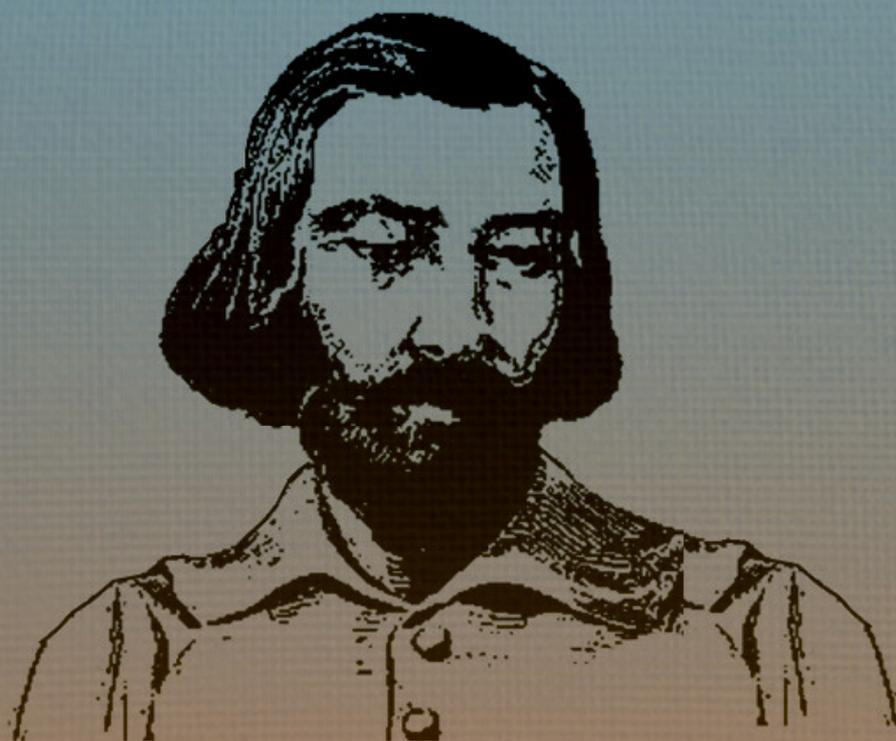
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Gil Vicente

Comédia de Rubena



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Comédia de Rubena

Gil Vicente

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Do ano de 1521.

Livro Digital nº 936 - 1ª Edição - São Paulo, 2018.

Teatro - Literatura Brasileira.

Gil Vicente

(1465/1466 – 1536/1540)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

COMÉDIA DE RUBENA



A seguinte comedia é repartida em três cenas. Foi feita ao muito poderoso e nobre Rei D. João III, sendo Príncipe. Era de 1521.

FIGURAS DA 1ª CENA:

LICENCIADO

RUBENA

BENITA (criada)

UMA PARTEIRA

UMA FEITICEIRA

LEGIÃO

PLUTÃO

DRAGUINHO

CAROTO

} diabos

FIGURAS DA 2ª CENA:

FEITICEIRA

DRAGUINHO

CAROTO

LEGIÃO

PLUTÃO

CISMENA

AMA DE CISMENA

LEDERA

MINEIA

} fadas

JOANE

PEDRINHO

AFONSINHO

} pastorzinhos

FIGURAS DA 3ª CENA:

CISMENA

CLITA (sua criada)

UMA BEATA

BRÍZIDA
SEQUEIRA
ANDRESA
FELÍCIA
SERRANA
ORIBELA
AURÉLIA
FELÍCIO
DARIO LEDO
CRASTO LIBERAL
AFONSO (seu Criado)
PRÍNCIPE (irmão de Felício)

lavrandeiras

CENA PRIMEIRA

Primeiramente entra por argumento um Licenciado, diz:

LICENCEADO

En tierra de Campos allá en Castilla
habia un abad, que ali se moraba;
tenia una hijá que mucho preciaba,
bonita, hermosa à gran maravilla.
un clérigo mozo, que era su criado,
enamoradose daquela doncella;
la conversación acabó con ella
lo que no debiera haber comenzado.

Llamaban à ella por nombre Rubena:
hallóse preñada, el mozo huyó:
todos sus meses arreo encubrió,
que viva persona sabia su pena.
Su padre era fuerte, cruel por nación,
celoso, muy bravo, sin templa ninguna.
Lloraba Rubena su triste fortuna,
rompiendo las telas de su corazon.

Estando una noche sin mas compañía
que sola tristeza sin partirse della,
saltan los dolores de parto con ella,
su padre acostado, pero no dormia.
sin esperanza de algun abrigo,
viéndose asida de tanta tristura,
sufriendo sus penas con mucha cordura,
empieza diciendo entre si consigo.

RUBENA

Ay de mi, de mi robada,
y no de otros robadores!
Ay de mi desventurada!
Ay! que no puedo cuitada
decir ay à mis dolores!
Ay! que no oso quejar!
Ay! que no oso decir!
Ay! que no oso querellar;
ni me puedo ya vingar
del consentir!

Oh triste de mi Rubena!
A quien me descubriré?
A quien contaré mi pena?
Como porné en mano agena
mi vida, mi honra y mi fé?
Oh mocedad desdichada,
de falso amor enganada,
enganada sin sentido!
Qué haré desamparada?
qué haré triste preñada
sin marido?

Escuro parto escogi
en peligroso secreto:
qué será triste de mi!
o dios! porqué me sali

De mi camino discreto!
Quien tuviera, ó quien hallara
una preciosa vara,
que tuviera tal condón,
que improviso me llevara
a alguno que me sacara
el corazon?

O tristes nubes oscuras,
que tan recias camináis,
sacadme destas tristuras,
y llevadme à las honduras
de la mar, adonde vais.
Duélanvos mis tristes hadas,
y llevadme apresuradas
aquel valle de tristura,
donde están las mal hadadas,
donde están las sin ventura
sepultadas.

Oh cuanto benditas son
muchas doncellas que vi,
que para su proprio varón
guardaron su perfección,
y no la triste de mi!
benditas y bien libradas
desposadas y casadas,
corona de sus parientes!
Ay! que me ciernan puntadas!
Mis angustias son llegadas,
y accidentes.

Yo misma quiero el morir.
Porqué me apertais, dolores?
Que mas duele arrepentir
dos mil veces, que el parir.
No penseis que sois mayores.

En pensar cuan preciada
desde niña fui criada,
y por tan vil paso amaro
à tal punto soy llegada,
tan desierta y alongada
del amparo.

Siempre de mi padre amada,
siempre de todos querida,
siempre vestida, arrayada,
siempre señora llamada,
siempre adorada y servida,
siempre horra y muy exenta,
siempre en puerto sin tormenta,
mas mirada que la luna,
siempre leda muy contenta:
mas ahora me toma cuenta
la fortuna.

Yo si me descubriere
a Benita, decirlo ha:
si solo en mi cabo pariere,
y pariendo me muriere,
muy mas claro se verá.
Sin ventura, qué haré?
Adonde me esconderé,
Que me ciercan los dolores?
O Rubena! di porqué
creiste la falsa fe
de los amores!

(Vem Benita, sua criada, e diz)

BENITA
Señora, con quien hablais?
vós veis alguna vision;
no sé de que os quejais.

RUBENA

Del mal de mi corazon.

BENITA

Las quejadas
teneis tan descarilladas,
y la barriga rellena,
las espaldas empandadas;
no sois vós esta aosadas:
con quien trocastes, Rubena?

RUBENA

Con nadie; no sé que dices.

BENITA

Teneis los ojos sumidos,
y delgadas las narices.

RUBENA

Tú no ves que son lombrices?

BENITA

No entiendo estos partidos.
ansi será,
y eso mismo os causará
tener ojeras y paño.

RUBENA

Ay! qué gran dolor me da!

BENITA

Será de la frialdad
que cogiste ora há un año.

RUBENA

Ay! dolores de pesar!

BENITA

Bien entiendo à mi señora,
y ella quiéreme cegar.

RUBENA

Qué?

BENITA

Digo que no se pensar
que remedio os busque ahora.

RUBENA

Oh Benita!

BENITA

Estávades tan bonita
nueve meses habrá,
blanca, tan coloradita,
no sé que dolor maldita,
ó que cosa esta será.
Parece que os salta el bazo
en derecho del ombligo:
no entiendo este embarazo.

RUBENA

Corrimiento és deste brazo,
que nunca acaba conmigo.

BENITA

Bien está:
andais de acá para allá
descalza por las hieladas,
de corrimientos será.

RUBENA

Llámame Genebra acá,
que te haden buenas hadas.

que me venga à bendecir
del quebranto mucho presto;
presto, que quiero morir.

BENITA
Paréceme esto parir.

RUBENA
Qué dices?

BENITA
Digo que me pesa desio
en gran manera.

RUBENA
Pues aguijá antes que muera.

BENITA
Tened, tened sufrimiento,
y descansareis siquiera.

RUBENA
Vé por la bendicidera.

BENITA
Quiéros decir un cuento.
Diz que era un escudero,
tenia la muger tiñosa,
y subiendo en un otero,
encontró con un vaquero
desollando una raposa.
El escudero cuitado
Andaba desarrapado.
Las nalgas todas de fuera,
y el haz desamparado,
el cogote trasquilado,
sin osar decir quien era.

Como persona sentida
sendo así por las montañas...

RUBENA

Oh! quien no fuera nacida!
Viéndome salir la vida,
paraste à contar patrañas?

BENITA

Pues otra sé yo de un carnero...

RUBENA

Anda, triste, que me muero.
No me irás por el vivir?

BENITA

Déjame cantar primero.
"Tiempo era caballero,
que se me acorta el vestir."
Mas mal ay de lo que suena,
no se puede esto atapar.
bien vi yo enorabuena
que las risas de Rubena
nesto habian de parar.
Tanto burlar y reir,
y tanto ir y venir
el ojo al clérigo nuevo,
húbola de bendecir.
y ella quiérelo encubrir,
estando ya al rabo el huevo.

RUBENA

No te entiendo.

BENITA

Voy resando.

RUBENA

O dulce Virgen gloriosa,
à ti pido suspirando,
que te pases deste bando
de Rubena desdichosa:
tú, que tuviste encubierto
aquele divino secreto;
encubre mi triste suerte;
no mires mi desconcierto;
que, sin ti, hago concierto
con la muerte.

(Vem uma Parteira, e diz)

PARTEIRA

Bento é o Santo Espírito,
bento é o São Miguel,
bento é o padre, bento é o filho,
benta é a Virgem do Lorito,
e o anjo São Gabriel.
e vós, donzela,
que fazedes, minha estrela?

RUBENA

Estoy mucho afatigada.

PARTEIRA

Não hajades vós aquela:
bem vejo que estais pejada.

Isto é cousa natural,
e muito aconcedera.
se nunca fora outra tal,
disseramos que era mal
por serdes vós a primeira.
Somos eira de cangrejos;
ha i homens tão sobejos,

que, ma trama que lhes nasca,
com enganos, com despejos,
lá buscad ma ora ensejos
pera elles tomarem caça.

Reira de mor te apertada
lhes salte nas ilhargadas;
caganeira esforricada,
que não saiam da privada
a enganar as coitadas.

RUBENA
Madre, oyís?

PARTEIRA
Doem-vos a vós os quadris?

RUBENA
Mas, en veniendo Benita,
haced que bendecís.

(Chega Benita e diz)

BENITA
Señora, como os sentis?

RUBENA
De muy gran tormento aflita.

(Faz a Parteira que a benze)

PARTEIRA
Estava Santa Ana ó pé do loureiro,
veio o anjo por mensageiro.
Vai-te à porta do ouro,
acharas leu parceiro;
tira a roca, e abraça-o primeiro.

Vai Joaquim após o carneiro,
e naquela hora que Deus verdadeiro
concebeu Ana em limpo celeiro,
a Santa Maria rezam o salteiro,
que já o quebranto caiu no ribeiro.

BENITA

Y como ora és quebranto
que está metido en la madre,
busquemos el brizo entanto,
y algo para la comadre.
Ea dice, bendicidera,
puede ser mayor ceguera,
que querer nadie encubrir
el cielo con la juera?

PARTEIRA

Hui! que diz a chocalheira,
que não faz senão grunhir?

BENITA

Que quiera Dios que aproveche
esa cura que haceis:
veo yo correr la leche.

RUBENA

Qué veis?

BENITA

No veo adó me eche,
y son las horas que veis.

PARTEIRA

Ide-vos, minha donzela,
trazede-me incenso e macela,
e a nêvoda.

BENITA

Demo é.

PARTEIRA

E três oncas de canella.

BENITA

Ansi vivas tú y ella,
como yo acá porné el pie. (*Vai-se*)

PARTEIRA

Mostrade cá, filha amiga,
verei em que pontos estais.
Mui alta está a criancinha;
não parireis tão asinha:
asinha vós vos agastais.

RUBENA

Oh coitada dolorida,
eu que extremo está mi vida!

PARTEIRA

Mordei neste maçapao;
esforçai, rosa florida.
Eu venida e vós parida:
Kyrieleison, Christeleison.

Dizei três vezes passinho:
o verbo caro foto é:
dou-vos a São Sadorninho.
Saia cá o cordeirinho,
o coneguinho da Sé.
E como a dor apertar,
puxar pera campear.
Vá-se o tempo à maresia,
que o vento é de soprar;
e não vos há de lembrar

vergonha nem cortesia.

Ora sus, minha santinha,
que se chega a vossa hora.
Empuxai, minha pombinha,
e veredes quão asinha
sai o cordeirinho fora.
dai de mão ao pousadeiro,
leixai ir o escudeiro;
que, como o acento é de baxo,
logo a chuva é no terreiro,
e o tejo faz lameiro
nas leziras do cartaxo.

Leda está Santa Maria
Sobre o craro luar
em cadeira d'alegria:
dizei-lhe uma *Ave Maria*,
Enquanto eu vou mijar.
Não afemenço eu aqui
bom lugar onde me assente.
Nunca me em tal pressa vi;
mas aqui ou ali;
bem vedes meu acidente.

(Faz que se assenta a um canto, e continua)

Olhade cá, filha amiga,
Feiticeira haveis mister;
porque, quereis que vos diga,
ver-vos-hedes em fadiga,
se vosso pai cá vier.
Eu vo-la quero ir buscar,
e mandar-vos-á levar
onde parireis segura.
E, enquanto a vou chamar
muito asinha, sem tardar,

vós detende a criatura. (*Vai-se*)

RUBENA

Venga ya todo el Infierno
Por esta triste Rubena;
que yo bien sé y discierno
que el infernal fuego eterno
qo se iguala à esta pena.
Y pues mi suerte lo quiso,
no espero paraíso,
ni acá sino tristura.
Venga el infierno improviso,
que lleve à quien sin aviso
escogió mala ventura.

(Representa-se como uma Feiticeira, a quem a Parteira foi dar conta deste negócio, por esconjurações e feitiços fez vir quatro Diabos a seu chamado, e entra logo um só, per nome Legião, e diz)

LEGIÃO

O que há de ser, há de ser,
porque será o que for;
porém forçar uma mulher
todo o infernal poder,
já não pode ser pior.
É uma torta defumada,
tapadeiro de privada,
que faz tanta rapazia
na metade de uma encruzilhada,
que nos trouxe d'arrancada
a fazer-lhe cortesia.

Nenhumas pegadas vão
por aqui dos outros três:
ainda eles cá não são.
Plutão faz rasto de cão
com as unhas ao revés;

Caroto tem pés de grou.
Inda ele cá não passou
Draguinho rasto de burra;
a torta que me chamou,
primeiro me nomeou,
e de contínuo me acusa.

Eu quero-os ir esperar
no cume daquela serra,
que eles hão-me de buscar,
e faremos mau pesar
desta que nos faz a guerra.
Pelo ar irei melhor,
como peixe voador;
que este mato vai mui basto,
como quem sabe d'açor:
e por onde quer que eu for
eles me acharão o rasto.

(Vem Plutão, Draguinho, Caroto, e diz)

DRAGUINHO

Andai, andai, companheiros;
cá vai o rasto de Legião
por cima destes outeiros;
próprios dous malhadeiros
são os pés deste ladrão.

CAROTO

Há muito?

DRAGUINHO

Agora est'hora
passou por estes penedos:
ei-lo aqui fresco d'agora,
d'agora não há meia hora,
nem creio que há dous credos.

PLUTÃO

Mostra, mostra, companheiro,
veremos que rasto faz.

DRAGUINHO

Nesta lájea está inteiro
ao pé deste soveiro.

PLUTÃO

Este é o rasto do rapaz.

DRAGUINHO

Eis aqui onde empeçou.

PLUTÃO

Onde?

DRAGUINHO

Nesta penedia.

CAROTO

Pouco há que ele passou.

DRAGUINHO

Eis aqui onde mijou,
à meia noite seria.

PLUTÃO

Aqui escorregou ele
na meta do nevoeiro.

CAROTO

Crede que o demo ia nele.

DRAGUINHO

Aqui cocou ele a pele
no pé deste soveiro.

PLUTÃO

O perro há de esperar,
porque ele não há de ousar
ir sem nos à feiticeira.

LEGIÃO

Já me eu quisera espojar
d'enfadado de esperar
ao longo desta ribeira.

CAROTO

Tomemos mui devagar
conselho muito cuidado;
que se esta ladra engar,
nunca nos há de deixar
dormir sono assossegado.

DRAGUINHO

Tu não sabes o porquê?

CAROTO

Pois fale Vossa Mercê,
que sabe os passos da zona.

DRAGUINHO

Este Caroto treslê.

CAROTO

Vamos lá, que não se crê
a malícia desta dona.

(Vão-se os Espíritos a chamado da Feiticeira, e diz)

RUBENA

Ó angústias y pesar,
dad ya fin à mis gemidos,
concluid à me matar;

no cureis de dilatar
a mis dias consumidos.
Remedio ya no lo quiero,
que, en comienzo de mi hado,
en alta voz dije — muero —
que en mal tan demasiado
tener cura no espero.

(Vem a Feiticeira com os Diabos diante de si, e trazem um andor, e diz)

LEGIÃO

Eis-nos aqui; que nos mandas?

PLUTÃO

Que nos mandas, aleivosa?

DRAGUINHO

Aleivosa, que demandas?

CAROTO

Que demandas, em que andas?

FEITICEIRA

Que sirvais esta senhora.

Ora sus, remediada:

levai-a muito escondida

e trazede-ma parida:

a criancinha enjeitá-la

onde seja recolhida.

(Tomaram os diabos a Rubena, no andor, e à partida diz Rubena à Feiticeira)

RUBENA

Señora, pues consenti

contra mi tan mala suerte,

voyme del todo daqui.

Si perguntaren por mi,
decid que fui con la muerte:
y à mi padre señor
direis, con algun color,
que no haya de mi cura,
y que me voy de temor;
y me duele su dolor
mas que mi desventura.

(Levaram os diabos a Rubena, e diz o Licenciado que fez o argumento)

LICENCIADO

Llevaron nel aire ansí à Rubena
aqueellos espritus à una montaña:
parió una hija, mas linda de España,
según trataremos en estotra cena.
Como se vido ya fuera de pena,
echó sus vestidos en una ribera,
ceñió su camisa las carnes de fuera,
hermosa en cabello como una sirena.

Fue la cuitada de tierna edad
subiendo la sierra, de entonces parida,
por do la guiaba su mísera vida,
sin otra compañía sino soledad.
Y por escusamos la prolijidad,
dejemos la madre, que és cosa profunda,
y tratarse há nesta cena segunda
daquesta su hija de extrema bondad.

CENA SEGUNDA

(Nesta segunda cena se contém de como Rubena pariu, e de como a Feiticeira mandou criar a menina, a que posaram nome Cismena; e de como tudo aconteceu. Começa que, ficando a Feiticeira esperando que os Espíritos lhe trouxessem Rubena parida, está dizendo entre si)

FEITICEIRA

Oh Rubena amargada!
como partiu tão sentida,
e tão mal acompanhada!
Quem ma desse aqui tornada,
antes que fosse parida!
Que *quinque vulto salmus es*
ante monta opus es.
Hui! tem a gaiola *fidem*
cam nisi que antre o grão
e tudo per i além.
No princípio o verbo era
era do verbo cheio;
o verbo era *apodeo*.

E nessa mitá me era,
esta voz era luz vera,
que vai lá no neniente,
não era ele luz luzente,
como este lume de cera.

E o mundo mundo xera,
mundo x'era, e mundo xé;
e se nisso falo niché,
e ele nisso mita era,
e mundos não combinaram
junto com *o missus a dea,*
testimonio, testimonio meo,
cujo nome era Joao.

Ave Maria Senhora
cheia de graça plena,
olhade ora por Rubena,
e trazede-iha a boa hora,
os intes vintus que mora
a vinta um grave tive;
polo que reina, e que vive,

espíritos, trazede-a ora.

Oh que ma ora venhais,
e louvado seja Deus.
Jesu! quanto me tardais!

DRAGUINHO

Vós, gentil dona, cuidais
que tudo é furtardes véus?

FEITICEIRA

Ora sus, mexeriqueiros,
onde leixais a parida?

DRAGUINHO

A parida é fugida
lá por cima de uns outeiros.
E manda pera cueiros
tudo quanto aqui se monta;
e pois pedis dela conta,
vai nos dias derradeiros.

CAROTO

Vai nos dias derradeiros,
desejando o derradeiro,
com nojo mui verdadeiro,
e suspiros verdadeiros.

DRAGUINHO

Disse que além dos cueiros,
manda quantas joias tinha,
e se crie esta menina
muito bem por seu dinheiro;
e que lhe chamem Cismena.

FEITICEIRA

Mostrai cá por vida vossa,

e veremos se é formosa.
Oh quão própria é Rubena!
Quem lhe pôs nome Cismena?

CAROTO

Cismena, sua mãe lho pôs.

FEITICEIRA

Cismena! ora vistes vós
nome novo em terra agena?

PLUTÃO

Santa dona, tempo é
de nos vós dardes soltura;
já não tendes mais costura,
deixai-nos por vossa fé.

FEITICEIRA

Levantar ma ora em pé!
Se eu torno o meu alguidar,
far-vos-ei eu rebentar
como *nilo temporé*.
Dous de vós me vão furtar
ali a par da Trindade
um berço que deu um frade
a Joana de Aguiar.

E se este se não achar,
ide à branca da romeira,
e olhai detrás da esteira,
e vereis i um estar:
ou ide vós pelo rasto
desses ministros e curas,
que todos têm criaturas,
louvores a deus, a basto.

Trazede berço dourado

muito rico, e muito asinha;
que se crie cismeninha
pera muito alto fado.

CAROTO

Draguinho, tu a São Vicente de fora.

DRAGUINHO

E tu?

CAROTO

À Sé;

porque crede que ali é
o feito mais comumente.

CAROTO

Um berço tem uma mogueira
na rua de Calca-frades
manceba de dous abades.

DRAGUINHO

Melhor lera a linheira.

LEGIÃO

Está uma lavrandeira
lá no bairro sobre Alfama,
que mais parideira dama
não há i mais parideira.

FEITICEIRA

Vós que ficais, i buscar
asinha logo ness'ora
uma honrada lavradora
de leite pera criar.
Fazei vós lá outras figuras,
assi com'ora, escudeiros:
não me sejais tardinheiros:

e trazede-ma às escuras.

PLUTÃO

Eu vou buscá-la a Carnide,
e tu vai a Sacavem.

LEGIÃO

Mas vai tu a Santarém,
E eu irei a Campolide.
Mas eu será bem que fique,
e tu vai a Montaxique
a casa do dedos da murteira.

FEITICEIRA

Nisso estais? ma cagananeira
que vos pique.

(Vão, e fica a Feiticeira cantando à Menina)

"Ru ni, menina, ru, ru,
Mourao as velhas e fiques tu
com a tranca no cu."

(Vem os Espiritas com o berço, e com a Ama, e diz)

DRAGUINHO

Que vos parece, noss'ama?
este berço tomos furtar
ao Paço do Lunear,
que foi dado a uma dama
de frei... quero-me calar.

FEITICEIRA

Dizei-mo à puridade.

DRAGUINHO

Quereis saber? é um frade,

um Frei Vasco de Palmela;
um que tinha Madanela
colchoeira na Trindade.

FEITICEIRA

Muito me dá na vontade
Que conheço quem é ela.

DRAGUINHO

Rogo-vos, senhora amiga,
por aquela dor sagrada
quando fostes açoutada,
que não nos deis mais fadiga.

FEITICEIRA

Ora! vos ieramá,
e a ama venha embora.
ora entrai, minha senhora,
esperai um pouco lá;
ora vinde pera cá
primeiro com o pé direito;
fazei o sinal da cruz no peito.

AMA

Dai-me a criança, e mamará.

FEITICEIRA

Primeiro eu saberei
que leite é o vosso, amiga;
e se tendes já barriga;
que dias há que me eu sei.
E se sois agastadiça,
se comeis toda a vianda:
não quero andar em demanda,
nem queria ver justiça.
De que tempo sois parida?

AMA

De um anosinho, nó mais.

FEITICEIRA

E que cantigas cantais?

AMA

*A criancinha despida —
eu me sou Dona Giralda —
e também — Vale-me Lianor —
e — De pequena matais Amor
e — Em Paris estava Donalda.
Dime tú, señora, di —
Vamonos, dijo mi tio —
e — Llevadme por el rio —
e também — Calbi ora bi —
e — Levantéme un dia
Lunes de mañana —
e — Muliana, Muliana —
e — Não venhais alegria.
E outras muitas destas tais.*

FEITICEIRA

Deitai no berço a senhora;
embalai e cantai ora,
veremos como cantais.

AMA (*canta*)

"Levantéme un dia."

FEITICEIRA

O de mais quero eu ver
que o cantar; perdi cuidado:
que lhe dades a comer?

AMA

Papinhas de pão relado.

FEITICEIRA

E depois que aponta a arnela?

AMA

Sopazinhas da panela,
e leite fresco coado.

FEITICEIRA

Diabos, por meu amor,
filhos meus e meus senhores,
ide à deusa maior,
dizei que por seu louvor
me mande as fadas maiores.

As suas duas formosas
com melodia serena,
que me fadem a Cismena
sobre todas as ditosas.

entanto quero eu benzer
os caminhos e carreiras
que vão daqui pera Oeiras,
que de lá deveis de ser.
padre santo São Gíao
que vem e vai com os que vão,
São Braz e São Sadorninho,
São Pedro, Paio, Marlinho,
Santo Hilário e São João.

Entres natos mulieres

não sorrexe outro maior
João Batista corretor.
Mal me queres, bem me queres.
no leu colo ;rei melhor.
Assi como a rosa bela,
madressilva e a macela,
e o pampilho e rosmaninho;

assi floresça o caminho
per u for esta donzela.

Basto se semeia o nabo,
quando floresce o agrião,
então canta o tentilhão,
e bate a alvela o rabo.
Ali, ali, belzabatení,
quando levardes a virgo,
cantará o demo em grito:
de las mas lindas que yo vi.

(Vem as fadas Ledera, e Mineia cantando, e acabado de cantar, diz)

LEDERA

Esta nasceu em tal hora,
que há de correr gran tormenta
dolorosa.
Depois será gran senhora
de toda fortuna isenta,
mui ditosa,
mas primeiro mui chorosa
sem emparo aqui em Creta
se verá;
e a poder de formosa,
e de casta, e de discreta,
tornaria.

MINEIA

O primeiro perigo é
que a hão de querer ferrar
pera a vender
por moura, e ferro no pé.
Aqui a havemos de fadar,
e de benzer,
que ela o possa entender,
e se salve na boscagem

d'Arrouchela:
e lhe dará de comer
uma bestial selvagem,
de dó dela.

FEITICEIRA

Tudo isso são carambolas.
Ama, levade-a asinha.
Ora i-vos, minha rainha,
emendar-me-eis das cebolas.

(Idas todas estas figuras, diz o Licenciado que fez o argumento)

LICENCIADO

Hagamos ahora mención y querena,
en esta segunda cena en que estamos,
de como enviaban los villanos amos
guardar el ganado la niña Cismena,
y de cinco años muy linda y serena
su ganadico por si careaba;
y con pastorcicos villanos andaba,
asegun que luego mostrar se os ordena.

(Entra Cismena pastorinha, fiando, e diz)

CISMENA

Vós vistes-me aqui andar
uns cabritinhos mal liados,
e dous porquinhos cilhados?
Quanto eu não nos posso achar.
Fui-me moacha jeitar
a dormir mal-avezinho
à beirinha do caminho,
e foram-me os acossar.

Dizei, dizei se os vistes.
Bé! como estão pasmados!

dous porquinhos trosquiados
coincar não nos ouvistes?
oh, dou ó Decho am dos tristes.
amo, vistes-me os pascer?
o que disserdes, hei de crer,
porque vós nunca mentistes.

Samica o nosso cadelo
os fez ele derramar.
Não sei se os vá buscar
cajuso ao nosso cancelo,
dera eu ora o meu orelo,
e os meus alfenetinhos,
e achasse os meus porquinhos
cajuso em Val de Cobelo.

Chicos, chiquinhos, chicos.
O deus bem-aventurado,
acha-me ora este meu gado,
acha-me ora os meus cabritos, (*canta*)
"grandes bandos andam na corte,
traga-me deus o meu bonamore."

(Vem um pastorinho, per nome Joane, e diz)

JOANE
Oh pesar de mi comigo!
Di, rogo-te, cismeninha,
viste-me a minha burrinha?

CISMENA
Viste-me a minha burrinha?

JOANE
Olha, olha o que te digo.

CISMENA

Olha, olha o que te digo.

JOANE

Sempre tu hás de chufar?

CISMENA

Que rosto de ma pesar
pera casarem contigo!
sabes onde eu vi a burrinha?

JOANE

Onde?

CISMENA

Não sei.

JOANE

Não sei!

Cada sempre és garredinha.

CISMENA

Vai-a tu buscar à vinha,
e achá-la-ás, que já lá achei.
Se vai travada, achá-la-ás.

JOANE

Levava as travas de traz:
hio, hio, já te eu enganei!
E sabes mais que levava?

CISMENA

Uma sorraba na pele.
Hio, hio, cuidava ele,
cuida ele que me enganava.

JOANE

Vai buscar os cabritinhos.

CISMENA

Se vires os meus porquinhos,
dá-lhe lá uma sorraba,
e torna-me os cabritinhos.

(Vem dous pastorinhos, Pedrinho e Afonsinho, e diz)

PEDRINHO

Ta mãe não faz senão chamar...
E tu ris-te, Cismeninha?

CISMENA

Rio-me eu da tua tinha.

PEDRINHO

Outra vez te há dela dar.

CISMENA

Toma pera a tua vida.

AFONSINHO

Por que davas ontem gritos?

CISMENA

Porque comeu dous cabritos
uma raposa parida.

PEDRINHO

Eu comi papas aquesta.

AFONSINHO

E minha mãe deu-me um bolo.

JOANE

Qués-me tu dar dele, tolo?

CISMENA

Outro levo eu cá na cesta.

PEDRINHO

Já pariu a nossa besta.

JOANE

E nós temos tanto mel,
que trouxe a nossa Isabel!

AFONSINHO

Mentes, Joane.

JOANE

Por esta.

CISMENA

E a mim hão-me de comprar
uma coifinha lavrada.

PEDRINHO

Temos tanta marmelada,
que minha mãe me há de dar!

JOANE

E meu pai há de ir pescar,
tomará um peixe tamanho,
assi como o nosso tanho,
e não vo-lo-ei de dar.

PEDRINHO

Olha, Joane.

JOANE

Ahn?

PEDRINHO

Dar-me-ás tu um tamanino?

AFONSINHO

Nós temos outro menino,
que minha mãe pariu à manhã.

CISMENA

E eu não tenho no carril
dous alfinetes que achei?

JOANE

Também eu er acharei
algum dia algum ceitil.

PEDRINHO

E a mim dão-me sardinha inteira.

AFONSINHO

Oh!

PEDRINHO

Pela Virgem Maria.

JOANE

Não te açoutaram outro dia
por jurar dessa maneira?
Polos santos evangelhos
que o diga a teu cunhado.

AFONSINHO

Ó fideputa pelado!
E tu juras como os velhos.
pela fé de Jesu Cristo
que a teu pai o diga eu.

JOANE

Ó fideputa sandeu!

Bem te parece a ti isto?
pela hóstia consagrada
que merecias pingado.

AFONSINHO

Vamos buscar nosso gado;
fique Cismena apartada.

(As Fadas que fadaram esta Cismena, vendo chegado o tempo em que lhe havia de acontecer o que em seu nascimento lhe disseram, a vieram avisar disso, andando com o gado naquele monte; e vem cantando, e acabando de cantar, diz)

LEDERA

Vinde cá, filha Cismena;
não queremos consentir,
nem deus queira,
que a fortuna de pequena
vos mande assi destruir
desta maneira.
vossa mãe era estrangeira;
esta que vos foram dar
quer fazer,
porque não é verdadeira,
como vos possa ferrar
por vos vender.

CISMENA

Oh mesquinha sem ventura!
E minha mãe verdadeira
que foi dela?

LEDERA

Essa matéria é escura:
mas logo, em toda maneira,
dai à vela.

MINEIA

Ir-vos-eis por esta estrada
até à cidade de Creta,
onde sereis perfilhada
de uma senhora honrada
mui nobre, rica e discreta.

E por seu falecimento
de quinze anos ficareis
herdeira no testamento,
e com grande exalçamento
de dezesseis casareis.

(Vai-se a menina Cismena caminho de Creta, pera onde as Fadas a encaminham; e vai dizendo)

CISMENA

Oh mãe da filha perdida!
Oh filha da mãe prenhada,
Sem ventura!
Alma sem vida nascida!
Filha da morte acordada,
Sempre escura!
Ó minha mãe! onde estais?
Minha mãe, onde me vou?
Minha mãe, não me buscais?
Vós bem sei que suspirais,
porque os suspiros que eu dou
são os mesmos que vós dais.

CENA TERCEIRA

Nesta terceira cena se trata de como sendo Cismena de idade de quinze anos, criada em Creta, perfilhada de uma nobre dona, ficou dela órfã, porém herdeira de toda sua fazenda.

(Entra primeiramente Cismena coberta de dó pela morte de sua Senhora, e diz)

CISMENA

Que grande praga é cuidar,
e que tormento entender!
Oh! que gran pena acordar!
que se não fosse lembrar,
mui pouca cousa é perder.
O prazer não me vem ver
senão pera mais tristura;
nem quer deus que tenha cura
meu fortunoso viver:
tanto nasci sem ventura!

O meu triste e averso fado
desde o colo da Parteira
me quis mal de tal maneira,
que não sei porque pecado
sempre me vi estrangeira.
escondeu-me a mãe primeira,
trouxe-me de perigo em perigo;
levou-me a mãe derradeira
o primeiro meu abrigo,
minha honra verdadeira.

chorará meu coração;
vós olhos, olhai por mim,
porque veja posto em fim
meu proposito mui são,
casto como serafim.
e assi como marfim
seja clara minha vida,
e minha honra luzida;
e como fino rubim
assim seja esclarecida.

CLITA

Senhora, eu não saberia
dizer que tenção é a vossa:
vós formosa como a rosa,
e eu cara de bugia,
que vida há de ser a nossa?

CISMENA

Eu te terei mui mimosa;
Clita, toma tu prazer.

CLITA

Formosa quisera eu ser.

CISMENA

Mana, se fores ditosa,
dita faz bom parecer.

(Vem uma mulher a modo de beata, porém grande alcoviteira, e diz a Cismena)

BEATA

A graça do Salvador
seja convosco, senhora.

CISMENA

Sejais benta do Senhor.

BEATA

Deus sabe por vós a dor
que nesta alma minha mora.
oh quão só ficais agora!
Como o lírio coberto,
como o cedro no deserto,
donde a ave fênix mora;
tal ficais, mana, por certo.

Eu, minha alma, venho cá
consolar vossa paixão
com dor do meu coração;
porque o hábito mo dá,
e também a condição.

CISMENA

Deus vos dê, a salvação.

BEATA

E a vós, mana, alegria,
com companha, todavia;
que não parece rezão
estardes sem companhia.

CISMENA

Madre, lodo meu cuidado
é ser filha verdadeira
das castas, e sua herdeira.

BEATA

Minha rosa, esse morgado
Não herdeis dessa maneira:
sois formosa e estrangeira,
cumpre que vos guarde alguém.

CISMENA

Não me fio de ninguém;
eu sou minha guardadeira,
que me guardarei mui bem.

Não há mister a donzela
virtuosa, atalaiada.
Que olhe ninguém por ela;
porque aquela que se vela
tem outra vela escusada.

BEATA

Não se escusa de roubada
quem em si mesma confia.

CISMENA

Mas a que de outrem se fia
merece ser enganada.

BEATA

Filha, enfim, ser namorada
é grande galantaria.

CISMENA

Guarde-me Deus dessa dor.

BEATA

Nem eu não vo-lo requeiro:
mas rezamos no salteiro
que formosa sem amor
é como o sol de janeiro,
que sempre anda traz do outeiro;
ou como poupa em queimada,
bem pintada e mal lograda:
ou é frol de pessegueiro,
formosa, e não presta nada.

E se quiserdes ser freira,
mana, eu vos ensinarei
a rezar tudo o que sei,
da primeira à derradeira;
porque nisso me criei

CISMENA

Eu, senhora, aprenderei
de muito boa vontade.

BEATA

Eu também por caridade,
filha, vós começarei
logo as horas da Trindade.

Depois as horas dos finados
que vós haveis de matar:
e aprendereis a cantar
resposos desesperados,
com que os vão sepultar.
E depois disto passar
ler-vos-ei *Corcel de amor*.
E *Peregrino amador*.
e eu virei mais devagar,
prazendo a nosso senhor.

Filha, vou em romaria
a gloriosa da estrela;
encomendar-vos-ei a ela,
mui devotamente pia,
que vos tome por donzela.
vós entanto, rosa bela,
criai bem esse carão,
e ponde-vos em feição,
que quem vos vir à janela
cegue logo o coração.

(Vai-se a Beata e diz)

CLITA

Olhai aquela mulher
como vende mesluradas.

CISMENA

Que me pode ela fazer?

CLITA

Infindas calabreadas;
pois às damas mais pintadas
fara aquela mil embolas:
mistura o céu com cebolas,
e umas emburilhadas,
que fara as discretas tolas.

CISMENA

Traze cá a almofadinha,
e a seda e o didal,
e um coxim e todo o al
que está nessa camarinha
debaixo do meu brial.
E primeiro será bem
que digas a Miraflores
que me mande os meus labores,
e as mostras que me tem,
Logo, que não são penhores.

(Vai-se a Moca, e torna a Beata, e diz)

BEATA

Ai, como venho cansada!
Meu espelho, como estais?
Minha rosinha orvalhada,
lá vos deixo encomendada
à Virgem dos Olivais.

CISMENA

Ó devota madre minha,
quando vos mereci tanto?

BEATA

Dou-vos ao Espírito Santo,
meu amor, minha pombinha:
deus vos guarde de quebranto.

CISMENA

Madre, isto em confissão;
determinou de ser freira,
que este mundo é todo vão;
e ser freira é salvação
muito certa e verdadeira.

BEATA

Era uma estalajadeira,
tinha uma filha formosa;
veio-lhe essa veia vossa,
ser freira em toda a maneira,
contra todos perfiosa.

Quando viram seu doairo,
determinaram de a levar;
e ela chegando ao Rosairo
houve medo ao campanairo,
e fugiu pera o lugar.

A salvação eu me fundo
na freira não ser segura,
porque está sempre em ventura
este segredo profundo
enquanto lhe a vida dura.

Que também lá há peleja
da razão com apetito;
e a isto não vale igreja.

CISMENA

Pois ainda que isso seja,
jogam mais perto do fito.

BEATA

Por isso perde dobrado
o que joga de mais perto;

e menos louvor lhe é dado
que o que joga arredado,
se atira ao fito certo.

mais ganhou o publicano
de longe, que o levita;
que a todo o estado humano
o diabo traz engano
per permissão infinita.
serdes leiga e casta abasta;
e ainda é bem mister
haver i das castas casta;
e quem disto se afasta
fora escusado nascer.

CISMENA

Eu me saberei guardar.

BEATA

Como tiverdes terceira,
podeis-vos aproveitar,
e a fama estar inteira
com gentil dissimular.
Se eu, mana, não fora freira.
porque isto não me é dado,
um senhor mui estimado
me rogou que vos requeira,
e me deu disso cuidado.

CISMENA

Muito ruim passo é esse:
não sois vós toda de trigo.
Se ora vos parecesse
que eu isso não entendesse...
ora sus, não mais comigo.

BEATA

Que cousa é a mocidade!
Ando eu por seu proveito,
e por lhe fazer caridade.

CISMENA

Madre, a freira de verdade
não fala do vosso jeito.

BEATA

Não caço eu neste covil.
Tomai-vos lá com Cismena!
Pois falei-lhe tão sutil...

CLITA

Cá tomastes, adail?

BEATA

Que me dizes, Policena?

CLITA

Mas dissei por vida vossa,
quem vos mandou cá entrar?

BEATA

Com quem falas tu, tinhosa?

CLITA

Cheirais-me vós a raposa
que não acha que caçar.

CISMENA

Essa madre das peçonhas
não me venha ela cá mais.

CLITA

Jesu! quão vermelha estais!
Diria algumas vergonhas —

vós que assim vos demudais..

CISMENA

Vai a Inês de Carvalhais
que venha cá estar comigo.
E que traga cá consigo
as lavrandeiras reais,
ou que mas mande contigo.

Ao deus Apolo claro, convertida,
encomendo minha vida
sem emparo.
pois nascer me custa caro,
favorece-me Diana,
que até aqui
o Céu me foi sempre avaro,
e a ventura tirana
pera mi.

Brízida, venhas embora:
que é da outra companhia?

BRÍZIDA

Beijo-vo-las mãos, senhora:
elas virão logo essora,
e estaremos todo o dia.

CISMENA

Mostrai cá o que lavrais,
e veremos que fazeis.

BRÍZIDA

Laços de pontos reais.

CISMENA

Boas fadas vós hajais.
Aqui hão de ir uns caireis

ao redor destes bocais.

CLITA

Anda um fidalgo ali
olhando a nossa janela:
mana minha, nunca vi
Cousa douda como aquela.

CISMENA

Que dizia?

CLITA

Andava agora
tão cheio de fantasia,
dizendo: ó minha senhora
Cismena, qual é a hora
em que partis alegria?
porque sempre ando em cuidado
como passarei meu mundo
seguro.

(Entram as lavrandeiras: Sequeira, Andresa, Felícia, Serrana, Aurélia, Oribela, e diz)

SEQUEIRA

Benza-vos o Senhor Deus.

ANDRESA

Deus vos dê muita alegria.

FELÍCIA

Deus e a Virgem Maria.

SERRANA

Esta é a estrela dos céus.

CISMENA

Jesus! quanta melodia!
donzelas, venhais embora;
a vida me destes ora.

SEQUEIRA

Mais vida dá a companhia
de tão discreta senhora.

CISMENA

Mostrai, Sequeira, o lavor.
Que franzido tão real!
Será pera algum senhor?

SEQUEIRA

Senhora, é penteador
pera o Bispo do Funchal.

CISMENA

Muito boa obra é ela.
Andresa, isso que são?

ANDRESA

É de aljofre um cabeção
pera o Conde de Penela.

CISMENA

É de mui linda feição.
E vós, Felícia?

FELÍCIA

Um lavor
De perlas e ouro tal
pera o nosso embaixador,
porque veja o Imperador
que as cousas de Portugal
todas tem grande valor.

CISMENA

E vós, Serrana?

SERRANA

Estes favores
são para ele soadeiros
com pedras de muitas cores,
e broslados uns letreiros
que dizem — *Amores, Amores!*

CISMENA

Mostrai cá vós, Oribela.

ORIBELA

Este é seu esperavel,
Jacintos pela ourela;
e dirá toda Castela
— Deus nos dê outra Isabel,
pois tão bem nos foi com ela.

CISMENA

Sentai-vos a par de mi;
aqui, aqui, Oribela,
Serrana, ali a par dela;
Andresa, vós, mana, aqui,
Felícia junto com ela.

CLITA

Enquanto vós outras lavrais,
quero espreitar o penado.

AURÉLIA

Lá anda dando mil ais.

FELÍCIA

Mas eu creio que são mais
que trazem esse cuidado.

AURÉLIA

É Felício discreto,
e Dom Crasto Liberal
E Dario Ledo, desperto,
gracioso perenal,
e músico grande por certo.
todos três andam perdidos
por vossa merco, senhora.

FELÍCIA

Felício há de vir cá.

ANDRESA

É dos galantes sabidos
que em todo este reino há.
Os senhoras, se cá vier,
desenganai-o cantando,
cantando e desenganando:
e se ele vos entender,
não andaré mais penando.

(Entra Felício e diz)

FELÍCIO

Que direi a mim de mi,
porque quanto a mi me digo,
falo com o mor ;migo
que eu nunca conheci?
Tanto mal tenho comigo!
A ninguém não me descubro,
e a mi não sei que diga:
descobre-me minha fadiga
quantos secretos encubro,
e não sei que via siga.

LAVRANDEIRAS *(cantando)*

“Halcon que se atreve

Con garza guerrera
peligros espera."
Halcon que se vuela
con garza à porfia,
casar la queria
y no la recela:
mas quien no se vela
de garza guerrera
peligros espera."

FELÍCIO

Os perigos que eu espero
nesta caça venturosa,
real garça rigorosa,
eu os busco, eu os quero
prosseguir, ave formosa:
e pois voais alterosa,
e tão ligeira,
a vitória toda é vossa:
segura estais na ribeira,
e nas alturas ditosa.

Cantai, bem-aventuradas,
a cantiga que cantais,
porque nela me mostrais
minhas dores apertadas,
que serão cada vez mais.

CISMENA

E vós, senhor, que buscais
a Cismena,
se por falcão vos contaís,
pelar-vos-á pena e pena,
veremos com que voais.

"La caza de amor
és de altanaria;

trabajos de dia,
de noche dolor:
Halcon cazador
con garza tan fiera
peligros espera."

FELÍCIO

Eu direi isso à fortuna
com palavras de tristura,
que sou falcão sem ventura,
e minha garça se enfuna
sobre a nuvem mais escura.
ó extrema formosura,
garça bela,
temo que subais na altura,
onde vos torneis estrela,
por estardes mais segura.

Não por tomar claridade,
antes vós a podeis dar;
mas por poder enviar
coriscos e tempestade
sobre quem vos mais amar.
Pera que é, senhora, usar
vosso poder,
que vos deveis de espantar
não leixardes esquecer
tantos modos de matar.

CLITA

Que fazeis cá todo o dia?
Vós não tendes que fazer?
ela a calar, e ele a dizer:
pera que é tanta porfia?
Ide buscar de comer.
Cuidais que a haveis de haver
logo assi?

não mo quer agora ver
nem ouvir, e ele ali:
cuida ele que o hão mister.

FELÍCIO

Por que não falais, senhora.
seja sequer contra mi?
pois sem ventura nasci,
não me hei de espantar agora
do que sempre padeci.
E pois vos aborreci,
como sei;
dizei que me vá daqui,
e ao menos viverei
em cuidar que vos ouvi.

(Vem Dario ledo e diz)

DARIO

Beijo-vos as mãos, senhora.
Se eu fora vereador,
pusera-vos já, donzela,
pena de caso maior.
Que lavrásseis à janela;
porque vós honrais a Creta.
pois que farei eu coitado
de mi que ando atagantado
por vos, morenica la preta,
e vós mana, sem cuidado?

Respondei, minha senhora;
dizei — que vos hei de responder?
Digo que venhais embora,
e folgo bem de vos ver: —
dizeis assi?

CLITA

Ali má-hora;
não hajais vós disso medo.

FELÍCIO

Ó Senhora, estai nisso,
abri esse paraíso,
falai já a Dario Ledo,
pois a um triste negais isso.

DARIO

Trago-lhe aqui mil gaiteros,
lampas cada São João,
carreiras no meu ruão,
folias de tanoeiros
em calças e em jubão:
e alvoradas de cravo,
e canela vem à mão,
servindo-a como escravo,
cantando a *D'amores jaço,*
quando as torço d'amores durmo,
e todas reluzirão.

Minhas lágrimas ausentes,
meus suspiros sem ventura,
o minhas dores ardentes,
agora que estais presentes,
alegrai vossa tristura.
saudades porque caiais,
angustias, que não dizeis,
gemidos, que não falais
os tormentos que me dais,
os males que me fazeis?

FELÍCIO

Não entra mais isso nela
que pregação em judeu:
despois que moro com ela,

nem de albarda nem de sela
não me quer haver por seu.

AURÉLIA

Dario Ledo, digo eu
Que tanjais uma cantiga.

DARIO

Não sei que cantiga diga
um homem de amor sandeu. (*Tempera a viola*)

FELÍCIO

Em tudo há i temperança
por mais que se destempera;
mas meu mal não se tempera,
porque não tem concordância,
nem comigo não se espera.
E o que me desespera
com razão,
quebrar-me fortuna mera
as cordas do coração,
com que nascer não devera.

(*Canta e tange Dario*)

DARIO

"Consuelo, vete con Dios;
pues ves la vida que sigo,
no pierdas tiempo conmigo."
Consuelo mal empleado,
no consueles mi tristura;
vete à quien tiene ventura,
y deja el desventurado.
no quiero ser consolado,
antes me pesa contigo:
no pierdas tiempo conmigo."

(Entra Crasto Liberal, velho muito loução, e diz)

CRASTO

Onde Felício guerreia,
e Dario Ledo também,
não sei se zombará alguém
de o velho vir à teia
amador mais que ninguém.
E pois, senhora Cismena,
pera todos tendes pena,
e a dais em abastança;
dai-me a mim uma pequena
de vossa santa esperança.

CISMENA

Quanta agora será bom
que diga de meu direito.
Que saúde ou que proveito
é o que Cismena tem,
que a seguis tanto a peito?
De vereis de haver respeito
que sois casado e já velho.

CRASTO

Com esse ar, com esse jeito,
minha vida e meu espelho,
me tendes todo desfeito.

CISMENA

Muito tarde vos chegaram
tão enganados enganados.

CRASTO

Por que desprezais meus anos,
que a servir-vos me arribaram
sem receio de meus danos?

CISMENA

Oh enleios soberanos!

CRASTO

Ó Senhora,
morte e vida dos humanos!

CISMENA

Se vos vísseis cá de fora
mudaríeis esses panos.

CRASTO

Senhora, em conclusão,
eu tenho muita fazenda,
sem filhos, e grande venda,
e liberal condição,
sem haver quem me reprenda.

CISMENA

Senhor, não estou em tenda,
nem me vendo.

CRASTO

Vossa Mercê não entenda
que eu isso assi entendo.
Mas faço justa oferenda.

Eis aqui cem peças de ouro
pera fruita às lavrandeiras:
porque irão ser terceiras
deste vosso leal mouro,
cativo de mil maneiras.
E depois darei janeiras
de brocado,
por que cantem as canseiras
de mi triste angustiado
de angustias verdadeiras.

(Entra um parvo seu criado, por nome Afonso, em busca dele, e diz)

AFONSO

Hôu nosso amo, diz nossa ama
que está i o mestre esperando
pera vos curar estando
de gota na vossa cama;
e que não caiais na lama,
que sois má-hora quebrado.

DARIO

Não é esse bom recado
pera quem serve tal dama.

AFONSO

E que vades vós asinha,
porque não vos tome cá
a dor de pedra, eramá,
porque tomeis a mezinha.

CRASTO

Acinte, senhora minha,
mandam cá estes recados
uns ciúmes escusados,
sendo a ciosa maninha.
porém é minha vontade
de vos dar quanto tiver,
e não quero outro haver
senão a propriedade
que tenho em vos querer. *(Vai-se)*

DARIO

Senhora, vou-me a perder:
vou-me ó demo que me leve.

CISMENA

Quando-Dario se me atreve,
o Deus! pera que é viver!

DARIO

Ora andai gastando a vida
na escola
e em cordas de viola,
E vós mal agradecida!
Piedade merecida
quisera eu,
e vós nessa despedida
Fazeis de mi descaída
De judeu. (*Vai-se*)

(Vem Afonso de parte de Crasto Liberal com um cesto de maçãs, e diz)

AFONSO

Olhai cá, eu venho cá —
qual de vós é Xirimena?

AURÉLIA

Esta é a Senhora Cismena.

AFONSINHO

Essa, eramá:
diz meu amo que aqui está,
tudo isto que aqui vem,
e como vos vai bem,
que ele aira logo cá.

(Com prazer da fruta cantam as lavrandeiras)

“Bien quiere el viejo,
ay madre mia.
Bien quiere el viejo
a la niña.”

CISMENA

Dize-lhe tu, mano, lá
que por usar cortesia
fica cá esta iguaria:
e porém o que a dá
traz errada a fantasia.

AFONSINHO

E minha ama é judia
tão pelada;
se a visses em trosquia,
parece demoninhada
metida na almotolia. (*Vai-se*)

CISMENA

Felício, em toda maneira
não cureis mais de mi nada,
porque em vão tomais canseira.

FELÍCIO

Oh minha vida primeira!
Minha morte apressurada!
Eu me ar
ou pois me mandais;
porém pera onde irei?

CISMENA

Onde mais me não vejais.

FELÍCIO

Esse galardão me dais?

CISMENA

Senhor, eu não vos chamei.

FELÍCIO

Nisso se paga o amor?

CISMENA

Qual amor? não vos entendo.

FELÍCIO

Ó minha preciosa flor!

CISMENA

Vossa? livre-me o Senhor.

FELÍCIO

Ao inferno me encomendo!
pois assi me mandais ir,
vou-me a terra despovoada,
sem mais comer nem dormir,
até que veja partir
minha alma desesperada.

(Um Príncipe da Síria veio desconhecido a ver a cidade de Creta, e tanto que viu a Cismena, ficou perdido por ela, e determinou de a servir de amores, e se pôs por pajem de Felício, assim desconhecido, porque indo com ele a visse. E foi em sua companhia aquelas montanhas onde Felício determinou de acabar seus dias. Em partindo Felício com seu pajem, diz)

CLITA

Deve ser filho de rei
ou de algum grande senhor
este pajem que aqui vem
com Felício, e jurarei
que é mais vosso que ninguém.

(Chegando Felício àquele deserto com o dito pajem, e fazendo sitas exclamações, respondia-lhe o Eco na maneira seguinte)

FELÍCIO

Oh o mais triste onde vou?
Onde vou triste de mi?

Ó dores, matai-me aqui,
onde nunca homem chegou.

ECO
Hôu.

FELÍCIO
Hôu males, quem me vos deu
deu-vos pera me acabar.
Oh! quem sofreu por amar
tamanho mal como o meu?

ECO
Eu.

FELÍCIO
Eu em me matar não peço;
nem sei se alguém me responde.
Que será, ou quem, ou donde,
que ande em vale tão seco?

ECO
Eco.

FELÍCIO
É conveniente quando
a tal tristeza combate,
que homem per si se mate
por não andar mais penando.

ECO
Ando.

FELÍCIO
Ando qual nunca foi tal.
Ó voz, pois que me respondes,
e de mi assi te escondes,

que farei a tanto mal?

ECO

Al.

FELÍCIO

Al não quero, al não sei.
Ó voz de meu triste grito,
Pois que sabes meu espírito,
hás medo que morrerei?

ECO

Hei.

FELÍCIO

Hei por bem morrer por ela:
porém dano tão profundo
qual mulher o fez no mundo,
servindo-a sem ofendê-la?

ECO

Ela.

FELÍCIO

Ela me dá triste guerra,
ela me tem despedido,
ela me tem convertido
que moura por esta serra.

ECO

Erra.

FELÍCIO

Quem me matasse improviso!
Ó vida, vai-te daqui;
morte, lembra-te de mi.
que tu és meu paraíso.

ECO

Isso.

FELÍCIO

Isso mata e trespassa,
que não me acaba meu mal:
queima-me o fogo infernal
desta chama que me abrasa.

ECO

Assa.

FELÍCIO

Assa o triste de mi;
e é já cinza tornado
meu coração lastimado.
Quero-me enterrar aqui.

ECO

Hi.

FELÍCIO

I tivera eu feitos tais
males contra vós, Cupido,
e fora de vós ouvido,
pois que a vida me tomais.

ECO

Mais.

FELÍCIO

Mais que a vida? e o por quê?
Porque minha alma outrossim
mata a si, e mata a mi:
tão profunda é minha fé.

ECO

É.

FELÍCIO

É pelo merecimento
daquela por quem me fino.
Sentes tu que não sou dino
desta pena que consinto?

ECO

Sinto.

FELÍCIO

Sinto-me estar não sei onde,
vejo-me só acabar.
Por isso quero ir buscar
esta voz que me responde.

ECO

Onde?

FELÍCIO

Onde está minha alegria,
que sempre foge de mi?
Vem cá, não facas assi,
que em ver-te descansaria.

ECO

Iria.

FELÍCIO

Iria lá, mas foges mais.
Ó tristes saudades minhas,
nestas montanhas maninhas
que descanso é o que dais?

ECO

Ais.

FELÍCIO

Ais, leixai partir a vida,
e partir-vos-eis daqui.
Tal estou, triste de mi,
que não sei se é já partida.

ECO

Ida.

FELÍCIO

Ida, que a vida se vai
quando a glória se parte,
porque é dela a maior parte.
E a ti como te vai?

ECO

Ai!

FELÍCIO

Ai! que todo me tresanda
e se vai, porque parece
que quem me fala padece
e anda nesta demanda.

ECO

Anda.

FELÍCIO

Anda? É pera haver dó
como das almas danadas:
cuidei que estas tristes fadas
foram dadas a mi só.

ECO

Oh!

FELÍCIO

Oh que zombas já de mi;
pois sabe deus lá no céu
que do maior bem nasceu
o mal de que me perdi.

ECO

Di.

FELÍCIO

Di (pois não há quem se iguale
a meu mal neste desterro)
como chamarão ao perro
mouro de mi neste vale?

ECO

Ale.

FELÍCIO

Ale cativo me chamo
sem senhor e sem senhora.
Oh! se tu amasses ora,
cramarias como eu cramo.

ECO

Amo.

FELÍCIO

Amo e mouro, ai de mi!
Vai-se esta alma dolorosa.
Ó voz também lacrimosa,
vou-me do mundo e de ti.

ECO

I.

FELÍCIO

Hi! minha afina desespera,
porque me falas esquiva.
Dize-me se és cousa viva;
ae o és, aí me espera.

ECO

Era.

FELÍCIO

Era pera perguntar
se tem minhas lágrimas conto;
e se haverá ai alguém
que tantas possa assomar.

ECO

O mar.

FELÍCIO

Ó mar de choros abranjo.
Pois falas como quem ama,
que te parece esta dama
que me faz tal desarranjo?

ECO

Anjo.

FELÍCIO

Anjo que tu, alma, adoras:
anjo que me tira a vida,
hora é de seres ida
do triste corpo em que moras.

ECO

Horas.

(Neste espaço, caído, o Felício de todo morto, diz o encoberto Príncipe)

PRÍNCIPE

Quiero ver si desmayó
Felício, ó como esto va.
Hôu Felício! esforzá!
Pulso no le siento yo.
No cale, mas muerto está.
Oh cuitado!
como estás desfigurado
siendo galan tan real,
muy discreto namorado;
y de leal
moriste desamparado.

Oh muerte mal empleada!
Pues tu fé era tan buena,
No debiera ser pensada.
Ni la Señora Cismena
deja de ser la culpada:
que el matar
no és cosa de loar,
cuando sin razon se hace;
que à dios place
que amemos en tal lugar.

Ya que és hecho tal lavor,
tal lavor, y sin porque.
Porque asi murió de amor,
de amor y desamor:
Su ánima por do fue?
Adonde iria?
Que se supiese su via,
(hablo como quien se vela)
saberia de la mia,
que otra tal muerte recela,
si dicha no la desvia.

Ya que és muerto en tierra agena

Despreciado del amor,
quiero ir do está Cismena,
y veremos si le pena
de perder tal servidor.
(*Chegando a Cismena, diz*)
O Señora, en quien se encierra
mas perfeccion que pedisteis —

CISMENA
Inda Felício quer guerra?

PRÍNCIPE
Muerto queda en triste sierra
de la muerte que le disteis.
Serviros tomó por vicio,
y al cabo morió por vós
el cuitado de Felício.

CISMENA
Pois morreu em seu ofício;
que culpa lhe temos nós?

PRÍNCIPE
Pues qué hareis à mi ahora,
que muy mas vuestro me siento?

CISMENA
Vós também!

PRÍNCIPE
Si, señora.

CISMENA
Pois quem no ar se namora
pene, e queixe-se do vento.

Ao menos escarmento

fora bem que houvera aí:
se vós vínheis sempre aqui
com Felício, seu tormento
viste-lo vós?

PRÍNCIPE

Bien lo vi.

CISMENA

Pois que esperais vós de mi?

PRÍNCIPE

Principe de Siria, señora,
que por page me meti,
y por vuestro estoy aqui:
qué hareis de mi ahora?

Piedad de quien nació
hijo de rey tanpreciado,
mucho exento y adorado;
y todo cuanto quise yo,
tanto tuve en mi mandado.
Nunca supe desdichado,
que era pena;
Y si ahora soy despreciado,
vós sois quien peca, Cismena,
E yo soy el condenado.

Piedad, señora, espero,
preso de ar
uestra beldad:
ó señora, piedad,
que sois el mi amor primero,
amor en gran cantidad.
castigad vuestra beldad
rigurosa,
y mirad mi magestad,

y mi pena dolorosa,
y que muero en tierna edad.

CISMENA

Senhor, eu nisto me fundo:
dou-lhe que sejais alteza;
não darei minha limpeza
ao maior rei do mundo,
nem por nenhuma riqueza.

PRÍNCIPE

Oh qué sobra de firmeza!
Bien merece
vuestra gran bondad nobleza:
pues del todo os guarnece
la soberana grandeza,
quiero que seais princesa
en Siria, y esposa mia,
porque acabe en alegria
la fuerte aventura vuesa,
y el mal que me dolia.

Mas alta, dice Platon,
és la virtud, que el estado;
y à esta és obligado
el mundo de darle el don,
y el cetro mas honrado.
Dadme la mano, señora,
por mi esposa y laureola,
pues que sois merecedora
para ser emperadora,
cuanto mas princesa sola.

CISMENA

Este amor é verdadeiro:
isto si, si que me apraz,
e não amor de sequeiro,

que enfim, por derradeiro,
quanto faz tanto desfaz.

PRÍNCIPE

Quedad, señora, segura
y estad aparejada.

LAVRANDEIRAS

Senhora, não mais costura;
festejemos tal ventura,
ventura bem empregada,

*(Alevantam-se todas as lavrandeiras, e fazem festa à princesa D. Cismena.
E com esta festa se acaba a sobredita comédia)*



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com